

Panóptico¹

Marcelo Andrey Monteiro de QUEIROZ²

Aline Medeiros MOURÃO³

Carlos Eduardo Pereira FREITAS⁴

Carolina Mesquita MELO⁵

Iury Figueiredo CAMPOS⁶

Daniel Dantas LEMOS⁷

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho pretende explicar como os preceitos do panoptismo, teorizado por Michel Foucault (1975), podem ser percebidos no livro 1984, de George Orwell. A partir da comparação da obra com condições de organização social na atualidade, ilustra-se, em *cases* testados empiricamente, como a disciplina é instaurada socialmente com o uso das câmeras como agente disciplinador, a partir do que denomina Machado (2003) por filme-ensaio.

PALAVRAS-CHAVE: Panóptico; 1984; disciplina; Filme-ensaio; Vigiar.

1 INTRODUÇÃO

O documentário *Panóptico* foi produzido como trabalho final para a disciplina Ética e Legislação no Jornalismo do terceiro semestre do curso de Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará (UFC), ministrada pelo professor Daniel Dantas Lemos. A referência principal foi o conceito da “tele-tela” abordado no livro 1984, de George Orwell, ao procurar perceber como as pessoas reagem quando estão sendo constantemente vigiadas por câmeras, ou como, no caso do livro, pela tele-tela. A partir disso, procurou-se relacionar esse conceito com o de panoptismo, instituído por Michel Foucault em seu livro “Vigiar e Punir” (1975).

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade 02 – Filme de não-ficção, documentário, docudrama - avulso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: marceloandrey.monteiro@gmail.com.

³ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: aline_medeiros27@hotmail.com.

⁴ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: carloseduardopfretas@gmail.com.

⁵ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: carolmtwo@gmail.com.

⁶ Estudante do 4º. Semestre do Curso de Jornalismo, e-mail: iury-fc@gmail.com.

⁷ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, e-mail: danieldantas79@ufc.br.

Panóptico, como descreve Foucault (1975), é um conceito baseado na figura arquitetônica proposta por Bentham: onde haveria, na periferia, uma estrutura em formato de anel e, no centro, uma torre. Esse anel é dividido por janelas ou celas individuais, ocupadas por pessoas que são vigiadas por um vigia que se encontra no alto da torre e possui visão privilegiada da totalidade das celas. Esse sistema tem a possibilidade de “induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 1975., p. 166). Vale ressaltar ainda que, segundo Bentham, como princípio desse poder localizado na torre está a visibilidade de forma inverificável: “Visível: sem cessar, o detento terá diante dos olhos a alta silhueta da torre central onde espionado. Inverificável: o detento nunca deve saber se está sendo observado; mas deve ter a certeza de sempre poder sê-lo” (FOUCAULT, 1975, p. 167).

Possuindo 8 minutos e 45 segundos de duração, o documentário é dividido em gravações em estúdio, entrevistas e *cases* (palavra da língua inglesa, que, traduzida para o português, equivale a “casos”), que, neste trabalho, são cenas montadas pela produção, mas com reações espontâneas das pessoas que são filmadas em diversos locais públicos da cidade de Fortaleza.

2 OBJETIVO

Panóptico pretende comprovar empiricamente e registrar, de forma experimental, as ações da sociedade, que se manifesta controversa em suas atitudes. Além disso, procura fazer uma reflexão crítica sobre a sociedade por meio do contraste comportamental apresentado pelas pessoas na presença e na ausência de uma câmera, ou melhor, de algo que a vigie, denotando assim uma crítica social à sociedade atual, que se preocupa cada vez mais com a criação imagética do que com a própria realidade. Procuramos focar na ação que “sempre que alguém se sente olhado por uma objetiva [câmera], seu comportamento se transfigura e imediatamente ele(a) se põe a representar” (MACHADO, 2003, P.68), algo característico aos indivíduos contemporâneos. Essa mudança de comportamento também pode ser encontrada no conceito panóptico de prisão presente no livro de Foucault (1975).

3 JUSTIFICATIVA

Justifica-se o seguinte trabalho pelo fato de o contexto de organização social da história do livro 1984, embora ficcional, ter uma relação simbólica com os padrões vigentes da estrutura social. Assim como na obra, a sociedade é uma representação de uma coletividade heterogênea, disposta desta forma em razão de suas diferenças socioculturais, e que, além disso, sofre ação de um agente coercitivo. Ademais, percebeu-se que o conceito do panoptismo, responsável pela coação, além de intrinsecamente adstrito ao objeto tele-tela na produção de Orwell, pode ser compreendido a partir de um viés similar na contemporaneidade: a observação fornecida por fotossensores e câmeras de segurança.

Em consequência do apontamento supracitado, a equipe responsável pelo documentário tentou ilustrar, a partir do empirismo, como a sociedade reage à possibilidade de julgamento propiciada pela inserção de câmeras dentro de lugares onde se realizam ações sociais.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O documentário Panóptico se baseia na teoria de filme-ensaio proposta por Machado (2003), na tentativa de realizar uma obra audiovisual que, além de ser experimental, pudesse ter uma relação íntima com a produção científica a partir da subjetividade do enquadramento escolhido, da eloquência da linguagem utilizada, e principalmente da conjuntura e liberdade do pensamento, o que juntos, poderiam caracterizar uma produção ensaística.

Geralmente, as reflexões sobre o ensaio pensam-no como forma verbal e/ou escrita, mas nesta obra ele se apresenta na forma de enunciados audiovisuais. O ensaio também pode estar presente dentro deste formato, pois o cinema também é uma forma de pensamento; ele nos fala sobre ideias, emoções e afetos por meio de um discurso de sons e imagens que são tão densos quanto um discurso de palavras. (MACHADO, 2003, p.64).

Há uma característica principal que pertence somente ao documentário, ela o distingue dos outros formatos, é o seu pressuposto inicial, a sua marca distintiva, a sua ideologia: “a crença no poder da câmera e da película de registrar alguma emanção do real, sob a forma de traços, marcas ou qualquer sorte de registro de informações luminosas

supostamente tomadas da própria realidade.” (MACHADO, 2003, p. 66). Dessa forma, o documentário se mostra

capaz de construir uma visão ampla, densa e complexa de um objeto de reflexão, quando ele se transforma em ensaio, em reflexão sobre o mundo, em experiência e sistema de pensamento, assumindo, portanto, aquilo que todo audiovisual é na sua essência: um discurso sensível sobre o mundo. Eu acredito que os melhores documentários, aqueles que têm algum tipo de contribuição a dar para o conhecimento e a experiência do mundo, já não são mais documentários no sentido clássico do termo; eles são, na verdade, filmes-ensaios. (MACHADO, 2003, p. 68)

É possível notar, neste produto, características que vão desde a subjetividade do enquadramento escolhido até a explicitação dos sujeitos participantes do documentário. A exposição imagética acontece do início ao fim, sempre procurando demonstrar as diversas formas de atuação de um personagem diante ou não de uma câmera. Esta exposição acontece tanto nas gravações de estúdio como nas gravações de rua: nas primeiras, quando o texto não está sendo interpretado pelos participantes do vídeo, há uma série de ações que não deveriam ser captadas pela câmera, de certos momentos em que os participantes pensam não estar sendo gravados; fato que se repete nas gravações de rua, onde os entrevistados são indagados sobre a ação que acabaram de executar - e que está em desacordo das normas sociais - posteriormente à execução dessas ações. Vale ressaltar que a sequência textual é complementada pela encenação de todos os participantes com o intento de mostrar que a atuação perante uma câmera ou uma visibilidade qualquer é realizada por diversas pessoas.

A eloquência da linguagem se apresenta na forma de roteiro definido pelo grupo quando na produção do documentário. A escolha dos textos encenados pelos participantes segue uma linha de raciocínio de acordo com a temática e com a possibilidade de relação com os *cases* apresentados. Os textos versam a todo instante sobre a ideia de vigia e de atuação perante às câmeras, como pode ser observado em um dos textos presentes em Spíndola (2011):

A ideia de observação contínua, mesmo que não seja efetivada em seu exercício, proporciona uma subjetivação do efeito da disciplina. O recluso é coagido sob a indução de que está sendo observado. A disciplina é um conjunto das minuciosas invenções técnicas que permitem ordenar a extensão útil das multiplicidades humanas e diminuir os inconvenientes do poder (FOUCAULT, 2009, P, 206 *apud* SPÍNDOLA, 2011, P. 12)

Por fim, o filme-ensaio também se caracteriza a partir da ideia de liberdade criativa e de pensamento, possibilitando uma outra forma de produção audiovisual que não se contenta em apenas comunicar, mas também levantar um questionamento social a ponto de gerar um debate de ideias a partir do conteúdo produzido.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

5.1 Produção

A pré-produção e a produção consistiram no estudo teórico do livro 1984, de George Orwell, assim como a reflexão de como este livro influencia a sociedade atual. Buscou-se, também, outras teorias possíveis para complementarem o trabalho. Posteriormente, foi pensado nos *cases*, como eles seriam executados e se seriam realizáveis. Por fim, pensou-se em textos que se aliassem ao tema e ao *case* que o segue.

5.2 Gravação

As gravações se deram em locais públicos de Fortaleza, como a Universidade Federal do Ceará, Praça do Ferreira e Praia de Iracema. As gravações em estúdio se deram por causa da estrutura do local, que nos possibilitou o uso de tripés e iluminação para nos dar o efeito de claro/escuro desejado.

Estúdio 1

O vídeo se inicia com uma imagem de uma das integrantes limpando a lente de uma das câmeras, inaugurando a relação realidade/ficção que se revela durante todo o documentário. A ausência de som acontece até o início da encenação de um dos textos, na tentativa de se afastar de qualquer leitura que não tenha relação entre ficção e realidade. O preto/branco presente nesse momento e em todas as outras encenações em estúdio durante o filme-ensaio decorre da dualidade também existente e formada por essas cores de claro/escuro, visível/invisível, o que se quer mostrar/o que se quer esconder. O rosto dos participantes é dividido quase que ao meio, proporcionando uma leitura em que cada pessoa possui duas faces, uma que se pretende mostrar perante às câmeras e outra que se pretende esconder. O texto lido neste momento é o excerto citado neste artigo e presente em Foucault (2009, p. 206) *apud* Spíndola (2011, p. 12). Este, principalmente na fala: “o recluso é

coagido sob a indução de que está sendo observado”, refere-se, não apenas a todo o filme-ensaio, como também ao *case* que se segue.

Case 1

O primeiro *case* do documentário procura expor, sem intervenção da equipe, como a reação de transeuntes ao achar uma cédula de R\$5 no chão estabelece diferenças contrastantes em suas atitudes com a presença e a ausência de uma câmera posicionada estrategicamente. Após a escrita de uma marcação que classificava a cédula utilizada como parte de um experimento sociológico, o item foi deixado em frente à Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade e ficou sendo observado pela equipe. Posteriormente, com a pressuposta retirada do item do local, a equipe abordara os sujeitos do experimento, explicando-lhes do que o mesmo se tratava e pedindo-lhes autorização para o uso de suas imagens. Depois de coletar cenas onde todos os sujeitos agiam conforme o que fora teorizado, uma câmera e um tripé foram inseridos no local, de forma a observar diretamente a cédula e a iniciar a segunda parte do *case*. A ideia de observação do item acarretou a não retirada do dinheiro pelos passantes, que se portavam curiosos e aparentemente disciplinados.

O *background* utilizado foi a canção “Sail”, do grupo *indie pop* Awolnation. Com a intenção de que sua trilha de batidas *midtempo* progressivas conduzissem o *case* de forma a sincronizar as batidas mais fortes e os vocais com os supostos clímax – o recolhimento do dinheiro das cenas em questão – a canção foi utilizada até o aparecimento do título *Panóptico* em caixa alta sob um fundo preto.

Case 2

O único *case* com participação exclusiva da equipe é também o único a preceder as citações teóricas, sempre apresentadas em preto e branco, e denota que a criação imagética em sociedade é intrínseca a todas as suas partes, até mesmo aos estudantes organizadores do trabalho. Com cenas dos bastidores das gravações em estúdio, os membros da equipe se arrumam, ensaiam e se organizam para as filmagens, denotando, assim, a ideia de que a disciplina em frente às câmeras é aparentemente construída, pois, no trecho seguinte, todos os estudantes estão posicionados de forma planejada. O *background* com o instrumental da canção “How I Roll” da cantora *pop* Britney Spears fornece um tom agitado e frenético à paisagem sonora do ambiente, que, com o propósito de expor o contexto de pressa em

estabelecer uma postura bem delineada, não foi retirada e permaneceu, juntamente à canção, até o *fade out*.

Estúdio 2

O segundo texto encenado no estúdio está presente na obra 1984 de George Orwell e versa sobre a dualidade do pensamento contraditório, onde se pensa em algo, mas o faz de forma divergente. Segundo o excerto: “é preciso muito esforço para saber e não saber, ter consciência da completa verdade ao contar mentiras cuidadosamente construídas para manter, simultaneamente, duas opiniões, sabendo que são contraditórias e acreditar em ambas” (ORWELL, 1949, p. 48).

Case 3

Com o instrumental da canção “All About That Bass”, da cantora *pop* Meghan Trainor, o *background* inicia o terceiro *case* do trabalho de forma a apresentar descontraidamente a infração de trânsito cometida pelos pedestres em desacordo com a legislação vigente: a travessia em vias por fora da faixa de segurança. O *case* é iniciado com cenas filmadas logo ao lado da faixa de segurança localizada a uma das esquinas do cruzamento entre as avenidas da Universidade e Treze de Maio, ambas consideradas vias de trânsito intenso em Fortaleza.

Após registrar transeuntes caminhando pela pista de rolamento ao invés de esperar o semáforo fechar e atravessar pela faixa de pedestres, a equipe se dirigiu a outro ponto da mesma avenida, desta vez um pouco mais distante do cruzamento e da faixa, e percebeu que as ações infracionais continuavam. O diferencial deste *case* é o fato de ele ser o primeiro do documentário a realizar abordagem direta aos seus sujeitos, sendo dois destes registrados durante suas travessias na via e posteriormente entrevistados. Percebe-se, em suas falas, que ambos se dispõem disciplinados quanto às leis de trânsito, mas, se confrontados com os registros de suas ações, uma atitude completamente oposta pode ser observada. Depreende-se, a partir disso, que tal disciplina é propiciada pelo fato de essa postura ser pertinente para o registro audiovisual de uma câmera.

Estúdio 3

Aqui o texto problematiza se as pessoas, ao expressarem suas características psicológicas, não estão atuando. Este faz parte do discurso do apresentador Pedro Bial, no

reality show Big Brother Brasil, que, em sua concepção, remete-se ao próprio livro 1984, de George Orwell, e à ideia de tele-tela. O próprio nome (Grande Irmão, em português) reforça esta relação.

Case 4

O quarto *case* do documentário buscou pessoas que veem ações transgressoras à disciplina como ação social sendo realizadas e que optam por não se manifestar. Para isso, o grupo percorreu locais de grande circulação de pessoas e turistas como a Praça do Ferreira, no Centro da cidade, e o calçadão da Praia de Iracema, local de maior visibilidade turística da capital.

Com o *background* instrumental de “Can’t Hold Us Down”, da cantora *pop* Christina Aguilera, a ideia deste *case* se baseia na intervenção de um dos produtores do vídeo como um contraventor que joga lixo na rua, realizando esta ação próximo a uma pessoa comum que também frequenta o local. Aqui, pretende-se observar a reação do personagem durante o ato e o que ele faz em decorrência disso. Quando constata-se que nada foi feito, o grupo segue para uma entrevista com essas pessoas e pergunta sobre o que ela faria caso uma outra pessoa jogasse lixo ao seu lado, obtendo respostas em desacordo com o que foi registrado.

Estúdio 4

O texto utilizado também foi retirado de um dos discursos do apresentador Pedro Bial, no *reality show Big Brother Brasil*. Este versa sobre a linguagem corporal que expõe as reações das pessoas, mesmo quando querem esconder algum sentimento. Ele se relaciona intrinsecamente com o *case* posterior, pois foca nos olhares e nas reações das pessoas ao passar por um casal gay, denotando que “o corpo entrega”.

Case 5

Este *case* é introduzido pela encenação anterior, onde fala-se sobre a atuação das pessoas e que, por muitas vezes, ela não consegue suprir a verdade que é dita pelo corpo e pelas ações que ele desempenha. No documentário, as reações das pessoas perante um casal homossexual são gravadas e explicitadas a partir de olhares, gestos e desaprovações claras.

Por ser um tema polêmico, optou-se por escolher um *background* instrumental de uma música mais tensa e que causasse reflexão, como é o caso de “Royals” da cantora

Lorde. Ao fim do *case*, entrevista-se um casal heterossexual acerca de casais homossexuais e do preconceito referente a eles, confrontando os atos revelados pelo corpo com as palavras na entrevista.

Estúdio 5

A última parte do documentário traz um texto de Foucault (2009, P, 192) *apud* Spíndola (2011, P. 12). Este faz referência ao modelo de prisão reforçada pelo panoptismo, em que o próprio preso, ao saber que está sendo vigiado, pode internalizar esta sensação a ponto de não mais saber se está sendo mesmo ou não, ou seja, se dá o processo de sujeição. Ao final, um dos integrantes da equipe tem uma ação não esperada, demonstrando mais uma vez a dualidade entre realidade e ficção. Ao fim, apresentam-se os produtores do vídeo ao som do instrumental da música “Some Nights” do grupo *indie* Fun sem nenhuma encenação pensada, mas apenas a realidade de quem não está de frente às câmeras.

5.3 Edição

A edição consistiu na escolha das músicas, na transformação da imagem em preto e branco e na ordenação dos *cases* e dos textos lidos em estúdio. Optou-se pelo preto e branco como forma de referência à expressão “preto no branco”, ou seja, expôr a realidade como ela é. Ao mesmo tempo que a iluminação, que deixa metade do rosto da equipe no escuro, contrapõe isto como se estivessem escondendo algo. Na escolha das músicas, procurou-se priorizar as batidas de forma que o ritmo acompanhasse as gravações e a temática.

Durante todo o filme-ensaio, os *cases* são colocados entre os textos lidos no estúdio. Isto se deu para que o referencial teórico introduzisse os próprios *cases* a fim de prever o que seria apresentado logo após a encenação.

6 CONSIDERAÇÕES

Na atualidade é cada vez mais comum o uso de câmeras com o objetivo de vigiar e coagir a sociedade, que passa a se ver dentro de cubículos observados por grandes telas, como no livro de Orwell. A principal consequência disso tem se refletido no

comportamento das pessoas, que por medo de serem punidas pelos seus iguais, passam a representar personagens disciplinados e robóticos na frente das lentes.

Esses personagens tentam mostrar versões melhores do seu “eu-real” e se utilizam de vários artifícios, desde os estéticos aos discursivos, para vender-se como bons cidadãos, mesmo que isso custe o preço hipócrita da contradição.

Esse tipo de atitude foi visto de diversas formas neste produto, tanto nos indivíduos alheios à teoria, quanto nos membros da equipe, que conheciam a reflexão proporcionada pelo documentário. Isto mostra que mesmo as pessoas conhecedoras dos desígnios do experimento estão sujeitas ao efeito de representatividade disciplinar que um vigia, nesse caso uma câmera, impõe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Código de Trânsito Brasileiro (CTB). Lei Nº 9.503, de 23 de Setembro de 1997 que institui o Código de Trânsito Brasileiro. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: 2007.

DISCURSO de eliminação de Aline. **Discurso do Bial**. São Paulo, 11 mar. 2014. Disponível em: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/bbb14/discurso-do-bial/>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

DISCURSO de eliminação de Amanda. **Discurso do Bial**. São Paulo, 04 fev. 2014. Disponível em: <<http://especiaiss3.gshow.globo.com/programas/bbb14/discurso-do-bial/>>. Acesso em: 24 mai. 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**; tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1975.

MACHADO, Arlindo. O Filme-ensaio. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 26. 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

_____. **Novos territórios do documentário**. *In*: DOC On-line, n. 11, dezembro de 2011, disponível em: www.doc.ubi.pt pp.5-24. Acesso em: 20 mai. 2015.

ORWELL, George. **1984**; tradução Alexandre Hudner, Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1948.

SPÍNDOLA, Pablo. O panoptismo de Foucault: uma leitura não utilitarista. *In*: Simpósio Nacional de História. 26. 2011. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.